

CARLOS DE OLIVEIRA
Responde a ALVARO SALEMA

POST-SCRIPTUM NECESSÁRIO

Meu caro Álvaro Salema: Acabo de ler a *Resposta final* que me dirige e, não fosse o caso de uma ou duas passagens dela me parecerem menos claras em relação à extremada clareza do resto, não estaria eu ainda aqui a pedir-lhe permissão de acrescentar à correspondência que trocamos este necessário e breve post-scriptum.

Uma das passagens é a seguinte: «Ora o meu receio (...) é que o seu apelo para um retorno à tradição literária portuguesa, mesmo com a largueza implícita...», etc. Cuido que a palavra *retorno* não define com fidelidade o meu pensamento. Tem até um sentido regressivo que se me afigura o contrário de tudo o que escrevi. Falar do estudo da nossa tradição literária, culta e popular, nos termos em que eu falei, não é coisa que deva confundir-se com qualquer espécie de retorno. Demais sei eu que não houve confusão da sua parte e que se trata aqui dum mero *lapsus calami*, mas a verdade é que um leitor menos atento pode saltar com fa-

cilidade do *retorno* para conclusões menos certas.

Como V. não desconhece, a nossa conversa interessou outras pessoas e ainda bem que as interessou. Por escrito e de viva voz, fomos alcançando os dois alguns aplausos e algumas discordâncias, o que é útil, fecundo, e me convence de que há com efeito um problema candente ao centro disto tudo. O pior, pela parte que me toca, foi terem-me atribuído já afirmações que em boa verdade nunca fiz. O que aconteceu, por exemplo, em certo artigo que me acusava de ter preconizado o regresso a Camilo. O regresso, note bem. Evidentemente que não mereci a honra duma citação directa, mas seria muito cego se não visse ao menos duas coisas: que aquilo me dizia de facto respeito e que o articulista me lera, como costuma dizer-se, pela rama. De raspão.

Daí que eu me veja agora na necessidade de discordar do seu incauto *retorno* e que esta aparente chicesse me force a maçar-lo uma vez mais. Esta e outra, porque adiante a sua

Resposta diz: «Eu sei que estas opiniões se afiguram tremendamente demolidoras, na aparência, aos devotos do *gênio nacional*, aos cultivadores de *assomos de patriótico regozijo*; e aceito perfeitamente, meu caro Carlos de Oliveira, que na minha maneira de as exprimir subsista um radicalismo excessivo...» etc.

Ora, como efectivamente escrevi que nas suas opiniões havia um excessivo radicalismo, poderá supor-se que tudo o mais é também comigo. Repare que as expressões «*gênio nacional*» e «*assomos de patriótico regozijo*» aparecem grifadas e não lhes citando V. a proveniência concluído-se-á que são minhas, já que a mim se dirige. Devo portanto declarar que não usei estas expressões e que V. as foi buscar a uma outra pessoa que se interessou pelo problema e que sobre ele disse da justiça que entendeu. Deste modo se entrega o seu a seu dono e se esclarece o leitor que não era intuito do Álvaro Salema atribuir-me devoções alheias, por mais ou menos louváveis que pareçam.

Quanto ao fundo da questão, falámos já. E embora continue a pensar, como Aragon, que «uma literatura profundamente nacional é a arma de que precisamos» — hoje não quero deixar de lhe agradecer a ajuda que V. deu a este debate no sentido de apresentar o assunto sob todos os ângulos, mesmo os possivelmente negativos, à meditação dos jovens escritores portugueses.

Porque em última análise, são eles as «mãos mais interessadas» de que V. fala — mãos em que eu, seguindo o seu exemplo, deponho de ora em diante o problema.

CARLOS DE OLIVEIRA

DUAS DÚVIDAS

POR
JOSÉ PECEGUEIRO

Em artigo intitulado «*Natureza e Espírito*» exprimiu o professor Del-fim Santos algumas ideias a que tomo a liberdade de fazer corresponder duas dúvidas. As dúvidas são quanto ao acerto filosófico dos pontos de vista do autor do artigo.

A primeira dúvida reside em que não parece correcto entender-se a «filosofia como investigação da radicalidade do saber».

Porque a filosofia não é corpo de conhecimentos independente da ciência; a filosofia mesmo não é nada: porque não é conteúdo nem doutrina feita — mas, pelo contrário, directriz, perspectiva do pensamento que, mediante não-dogmática atitude perante a problematidade do conhecer, tenha por objecto uma visão cada vez mais coerente e lógica, inteligível e racional dessa mesma problematidade. Sendo por isso que filosofia e ciência são anverso e reverso.

Além de que por «investigação da radicalidade do saber» é evidente só poder designar-se o que é uso chamar investigação metodológica. E isto porque, ou se dá ao termo «saber» a significação de saber positivo alcançado em determinado momento histórico pela actividade científica — e nesse sentido a sinonímia das expressões «investigação da radicalidade do saber» e «investigação metodológica» é exacta —, ou se dá ao termo «saber» significado ontológico, e então a tese do autor do artigo é intrinsecamente incoerente, dado que logo de início afirma: «Em filosofia todo o dogmatismo é máscara de ignorância, e pretender encobrir a ignorância — a ignorância radical, entenda-se, porque a outra é próprio do homem dela fazer ciência — é acto pouco sério». «A filosofia... é desconsiderada e permanentemente diminuída quando se lhe pretende dar o nível de certeza que lhe não pertence e mesmo não pretende possuir».

Salvo se é possível raciocinar em termos de ontologia sem que necessariamente se raciocine em termos de dogmatismo! Contudo, na história da filosofia não conheço um único sistema ontológico que lógica e necessariamente não seja dogmático.

Estarei eu confundido?

A segunda dúvida trata da distinção feita entre «natureza» e «espírito», para poder alicerçar toda a argumentação do artigo. Mas será filosófico fazer distinção substancial entre natureza e espírito, quando tal distinção não está demonstrada, nem poderá demonstrar-se? quando o que é problema é precisamente isso de saber se o que aparentemente é distinto é na realidade? ou com mais exactidão: quando é ininteligível e ilógico (insisto: *ilógico*) o aceitar como realidades óticas «natureza» e «espírito»?

★ Os *Anjos Cantam no Céu* é o título do recente livro de novelas de J. M. Boavida Portugal.

★ A Fundação da Casa de Bragança editou um trabalho de A. H. Bizarro intitulado *El-Rei D. Manuel II na Grande Guerra*.

LIVROS QUE RECOMENDAMOS:

HÁ-DE HAVER UMA LEI

BATO ÀS PORTAS DA VIDA

ROTEIRO DO MUNDO PORTUGUÊS

Três obras de MARIA ARCHER

publicadas por EDIÇÕES SIT

R. Almirante Pessanha, 3 a 5 (ao Carmo) LISBOA

e à venda nas livrarias.

ACABA DE SAIR

ROMANCE SENSACIONAL
NAS

«OBRAS PRIMAS CONTEMPORÂNEAS»

PÃO E AMOR

POR

KNUT HAMSUN (Prémio Nobel)

VERSÃO E PREFÁCIO DE CESAR DE FRIAS

1 vol. de 320 páginas

PREÇO 25\$00

GUIMARÃES EDITORES — Rua da Misericórdia, 68 — LISBOA



Quem poderá abrir as páginas destas *Doze Histórias Sem Sentido* (1), o belo livro inédito de Manuela Porto, que os seus

amigos zelosamente acabam de dar a lume, sem um inevitável reacordar de desespero? Sem um profundo, inapagável, renitente assomo de mágoa inconformada? Só certamente os que ignorem a força e a alegria que sempre arde num leal companheiro de caminho. Só os que ignorem quanto o calor humano e a variedade do homem são o verdadeiro capital da caminhada. Ou os que não puderem contar na riqueza da sua experiência a felicidade de terem conhecido a nossa maior declamadora, a inteligente organizadora teatral, a contista, a crítica que sabia apaixonar-se sem pisar os limites da objectividade necessária, aquela que, como se diz no sóbrio *In Memoriam* que fecha o volume, *assim, sem outro auxílio, modestamente, desinteressadamente, serviu a cultura do povo português*.

O mesmo arrepiamento com que ouvimos o único disco que deixou gravado, com um poema de Fernando Pessoa e outro de José Gomes Ferreira, persegue-nos por estas páginas fora, em que é impossível não ouvir continuamente a sua própria voz, naquele inconfundível crescendo até à exaltação, naquela prodigiosa e constante mudança da contemplação em acto, naquele ritmo hábilmente tecido entre o murmúrio e o grito, entre a frase voluntariamente baixa e a palavra sábiamente separada, com cada sílaba iluminada e aquecida.

Mas entre a declamadora e a escritora alguma diferença há de qualidade, de amadurecimento, que, deixando as raízes quase descobertas, nos traz um pequeno lucro de compreensão. O desabafo, que foi a grande determinante de toda a obra de Manuela Porto e que na sua dicção atingira o máximo de rendimento expressivo, entregava-se ainda na criação literária sem cálculo, com o desordenado, a ingenuidade e também a frescura do primeiro ímpeto. Criação e desabafo surgem identificados em quase toda a sua produção. Já em *Uma História Igual a Muitas* a heroína falava em contar o seu caso como *soltaria um grito agudo de saudade*. Agora é uma personagem de *Fado* que declara: *há dias em que a gente era capaz de desabafo com as pedras da calçada, se elas tivessem ouvido para nos escutar*.

Esta necessidade inadiável de desabafo o sentimento agudo do desconcerto do mundo continua a ser em *Doze Histórias Sem Sentido* o clima geral da criação de Manuela Porto. E tal sentimento de desconcerto, que na vida se lhe reflectia em milhares de factas, desde o pavor das ameaças de guerra aos conflitos mais íntimos e aparentemente mais temporais de cada um, dissimulado no in-

HISTÓRIAS COM SENTIDO

terior das casas aparentemente silenciosas, por detrás dos cortinados só aparentemente transparentes, no furido dos olhares só aparentemente tranquilos, continua a reduzir-se na sua ficção à repulsa pelo compromisso, expressa através de um mesmo tema que incansavelmente se repete. A vida, não sabia aceitá-la Manuela Porto com condições. E é assim que o protagonista de *Uma História de Natal* repete o pensamento manifestado anos antes numa novela da mesma autora: *o crime maior de todos não é de forma alguma matar alguém, na altura em que ele dá a outra personagem uma notícia que lhe estragará a vida para sempre*.

Quando existe alguma uma ferida — escreve uma vez a autora de *Um Filho Mais*, ocupando-se de teatro —, *deve olhar-se bem para ela, para medir-lhe bem a gravidade e as dimensões — depois é cerrar os dentes e cauterizar*. Tal frieza desejável, tal determinação, tal coerência de desenvolvimento, não conseguiu, porém, a escritora transportá-las para a concepção e a arquitectura dos seus contos, todavia belos e frequentemente aliantes. A sua indignação ficou desamparada? Sobejou-lhe em íntimo fogo o que lhe faltou em capacidade reguladora. Faltou-lhe serenidade. Faltou-lhe transfigurar a dor real. Faltou-lhe, afinal, tempo, apenas tempo, para afeiçoar os seus materiais, criar uma hierarquia de assuntos, fazer obedecer a indignação aos designios bem claros da sua própria vontade, fechar os olhos e cauterizar. O próprio título do volume denuncia o nervosismo que atravessa os contos todos, um nervosismo permanente, embora menos inquietante do que o dos livros anteriores, um riso forçado, artificial, de quem dissimula lágrimas. Dir-se-ia que o mesmo ímpeto indomável que levava Manuela Porto a desabafo o seu não perante a vida em desconcerto a peava num inesperado movimento de pudor (de pudor? de simples dúvida quanto à legitimidade do lamento deste modo formulado?) e fazia acabar tudo involuntariamente em desespero ou em ironia vencida. A discordância impenitente que acima de tudo a levava a escrever via-se assim reduzida, de certo modo diminuída, ao fio certamente pouco rico, na tecla que incansavelmente percutia, do desconcerto no amor. A grande angústia da existência frustrada e uma verdadeira fome de vida alta e digna, uma sede de paz profunda e fecunda, transferiu-as ela, sob formas variadas, para o tema da traição amorosa. Em quase todas estas histórias é um adultério o problema central ou um adultério insinuado

que determina as circunstâncias fundamentais do problema central. Em *Encontro, Uma História Como tantas, Fantasmas*, em quase todos os contos, contado pela filha do casal, pela mulher traída, por um amigo do adultério, por um conhecido da adúltera, o adultério é o fulcro da acção; em *Aventura*, o adultério paira sobre as páginas todas numa simples alusão: *Desse primeiro instante guardo, clara, a lembrança da mão dele, morena, bem tratada, a um tempo forte e delicada, poitada sobre a brancura da toalha e tendo a guarnecê-la uma aliança e um anel de brasa. Esta aliança, que não volta a ser referida, condiciona o conto todo*.

Mas o desencontro no amor não é encarado na obra da grande intérprete de Pes-

PALAVRAS E CORES

por

Mário Dionísio

soa sob os seus múltiplos ou sob alguns dos múltiplos aspectos que a vida nos propõe a cada instante. Nada dos possíveis problemas sugeridos, entre outros, pela monogamia, pela disparidade de temperamentos, pela interferência dos factores económicos e sociais na arrumação e desarumação matrimonial, tem aqui lugar. É o ângulo moral, e apenas certo ângulo moral, que, ao cabo, sempre fica de pé em Manuela Porto. Diremos que o problema é talvez sempre encarado com uma sensibilidade desactualizada? Que há uma tendência para atribuir a frieza que revela o desencontro a um fatalismo mais que insinuado? Que o homem fica na ficção de Manuela Porto excessivamente reduzido aos que pensamos, de acordo com alguns estadistas por ela previstos, que, como ironicamente disse outro passo da sua obra, *um homem não devia nunca casar-se se não fossem as roupas?*

Por maiores que sejam as limitações que a nossa exigência de admiradores lhe aponte, como este livro torna, contudo, evidente que a arte literária de Manuela Porto estava à beira de encontrar o tom próprio e o alto nível da sua declamação! Como é agora visível que nela e em Pereira Gomes perdemos dois grandes escritores que apenas começavam!

É certo que *Doze Histórias Sem Sentido* continuam a mostrar-nos os perigos que a espontaneidade oferece quando se substitui ao próprio mecanismo da elaboração literária. A técnica destes contos raramente foge à construção linear da confissão. A prosa corrente, quase sempre fluente, talvez por vezes fluente em demasia, continua a ser pouco cuidada. A adjectivação é pobre e repetida. O poder de sugestão que estes contos inegavelmente têm não provém nunca do bem acabado ou do inesperado da sua arquitectura ou da sua língua. Mas alguns deles (*O Mar trouxe Um Corpo à Praia*, por exemplo; sobretudo *O Café do Cais*) despegam-se do conjunto e não deixariam dúvidas a ninguém sobre a autenticidade de escritora de Manuela Porto. A autora começava a sua indispensável exteriorização. E é precisamente nos casos em que ela vai de encontro à dificuldade de claramente separar a personagem central da narradora que o tom de confissão exaltada desaparece e nos sentimos em face de verdadeiros contos. Repare-se na capacidade de imaginação quase musical em *Aventura*, na franqueza da adesão às situações mais desgraçadas da vida que se revela em *Fado*, no poder de criação de ambiente e de transfiguração que agradavelmente nos surpreende no *Café do Cais*. A exclamação frequente e exaltada cede o lugar à observação literariamente precedente, o conto perde o ar de longa carta, a autora descola-se decididamente das suas personagens. Localizar a personagem narradora num homem — como em *Uma História de Natal* —, ou passar o fulcro sentimental da acção para terceiras personagens — como fez no *Café do Cais* —, foi uma experiência que teve e teria os melhores resultados.

Receio, porém, que não falte quem veja na obra literária de Manuela Porto um simples drama pessoal, pequenino, porventura mediocre, um pobre caso «sem sentido», daqueles que se devem afastar com o pé se queremos andar depressa — ou julgar que andamos depressa. Receio que não falte quem veja apenas nela certa tendência inegável para os assuntos desgraçados e irremediáveis (*Piãozinho*), a obstinação que a vitimou, certa desactualização no plano sentimental, que será impossível descobrir no eixo da sua problemática.

É evidente que toda a produção de Manuela Porto, de um ou de outro modo, se limita a histórias de amor. E isto é grave num mundo em que o amor se aponta mais e mais como uma força indesejável... Mas não

se verá que o elemento fundamental destas *Doze Histórias Sem Sentido* e do resto da obra da autora não é tal o desentendimento no amor — que, à primeira vista, parece afogar tudo —, mas a repulsa pela *deslealdade*? Não se verá que é a afronta da deslealdade que ela incessantemente castiga? Não se verá quanto este desentendimento no amor a si mesmo se transforma em pretexto e reflecte outros desentendimentos mais profundos e mais gerais? Quanto estas histórias de amor, indirecta e também involuntariamente, denunciam dores e conflitos que excedem a própria esfera do amor individual? Quanto nelas fica posta em jogo a autenticidade de tantos e tantos conceitos que profunda e perigosamente marcam até aqueles que mais julgam combatê-los?

Há razões para crer que esta frase de Rilke terá feito pensar longamente Manuela Porto: *Todas as coisas atarradoras são talvez apenas coisas que esperam que as socorramos*.

Quando, no fim de *Fado*, a pobre mulher encontra na pequena estrela do seu sonho um desejo imenso de *soltar, de soltar, de soltar até ao fim do mundo, ou, pelo menos, até que neste miserável orbe a vida das criaturas se tornasse um nadinho, ao menos um nadinho, mais suportável e melhor*, é a esse apelo das coisas atarradoras que ela responde. Quando se debruça sobre *Rosinha* ou sobre *Graça*, sobre a estranha mãe de *Hija Mia* ou sobre *Eduardo*, sobre a mulher outrora bela ou o criado de balcão do *Café do Cais*, é uma resposta que Manuela Porto irresistivelmente dá a qualquer coisa atarradora que espera o seu e o nosso socorro. O prefácio de *Doze Histórias Sem Sentido* é aliás bem claro. *No mundo de pesadelo onde vivemos — escreveu ela —, embora certos de que um dia nos será dado acordar — o mais que podemos fazer uns pelos outros é deixar aqui ou além uma pequena mensagem (...): vê, irmão, eu também já fui exactamente como tu e afinal passou. E como conclusão final: De resto, a constatação de que, por uma razão ou por outra, no mundo se vive uma atmosfera impossível de respirar, não será um incitamento a que nem por um segundo mais consintamos em não o modificar?*

A obra de Manuela Porto foi uma mensagem de socorro desesperadamente enviada por alguém que, ante a incompreensão de todos, continuamente implorava socorro. Uma resposta que perguntava. Um grito solto do fundo de um nevoeiro que o abafou. Dessa mensagem que fizemos nós? A essa pergunta que respondemos? Saberemos alguma vez transformá-la numa verdadeira, fecunda e humana resposta? Perceberemos alguma vez que é daqui que tudo parte?

(1) Centro Bibliográfico, Lisboa, 1952.